

ECONOMIA

FGC cresce, apesar de temor

Liquidez do fundo garantidor foi a R\$ 121,1 bi mesmo com crise do Banco Master

A liquidez do Fundo Garantidor de Créditos (FGC) atingiu R\$ 121,1 bilhões no primeiro semestre de 2025, alta de 6% em relação aos R\$ 114,2 bi do fim de 2024. O patrimônio total do FGC também subiu 6,1% em comparação a dezembro, atingindo R\$ 153,5 bilhões. O crescimento foi impulsionado pelas receitas financeiras, que chegaram a R\$ 10 bilhões, enquanto as contribuições das instituições associadas ao Fundo somaram R\$ 3,1 bilhões.

“Este desempenho reflete a eficiência na gestão dos recursos e o

compromisso do FGC em proteger depositantes e investidores no Brasil”, diz a instituição. Os dados foram divulgados na noite de sexta, no fim de uma semana marcada pelo veto do Banco Central à venda do Banco Master ao Banco de Brasília (BRB).

O futuro da instituição preocupa o mercado. O Master se consolidou com uma estratégia agressiva e altamente arriscada, captando recursos oferecendo alta rentabilidade em Certificados de Depósito Bancário (CDBs). De outro lado, comprava ativos com pouca

liquidez, como precatórios, direitos creditórios e ações de empresas em dificuldades.

Se o Master não for comprado por uma instituição privada, pode sofrer intervenção do Banco Central ou mesmo a liquidação. Nestes casos, o FGC poderia ser acionado para honrar o pagamento dos títulos emitidos.

O FGC funciona como um “colchão” para reduzir os danos ao sistema financeiro. Se um banco falir, o segurador assume o ressarcimento integral para todas as pessoas que tenham até R\$ 250 mil

em valores a receber daquela instituição.

Se o Master fechar, o FGC precisaria comprometer boa parte dos atuais R\$ 121 bilhões de reserva para honrar os pagamentos. O receio é de que isso leve a uma reação em cadeia: investidores de outras instituições, ao perceberem os problemas, optariam por resgatar suas aplicações antecipadamente, espalhando a crise para players que até então não estavam envolvidos. É o chamado risco sistêmico. (Agência Estado)

Brasil S/A

por Antonio Machado



machado@cidadebiz.com.br

O show dos fortões

Num tempo em que gesto, coreografia e narrativa compõem o arsenal das disputas políticas, Donald Trump é menor do que quer que todos o vejam, mas os outros é que se organizam para que ele os veja num minuetto de fortões que cria mais suspeitas que harmonia.

Foi o que sugeriu a cúpula dos autocratas convidados a dedo pelo presidente da China, Xi Jinping, para participar da 25ª reunião da Organização de Cooperação de Xangai, seguida de uma enorme parada militar para exaltar a expulsão dos japoneses na 2ª Guerra. Xi discursou ladeado por mais de 20 ditadores, com tropas marchando em passo de ganso e apresentação de armas de última geração — de caças furtivos e mísseis hipersônicos a canhões a laser.

Com movimentos coreografados, ele circulou e posou com Vladimir Putin, da Rússia, e Kim Jong Un, “dono” da Coreia do Norte. Mas a também estrela do show de Xi, Narendra Modi, primeiro-ministro da Índia, com quem a China vez ou outra troca tiros na fronteira do Himalaia, teve cuidado de faltar à demonstração de força em Pequim a pretexto de fechar acordos com empresas japonesas - um dos eixos de contenção chinesa na região. Não há deslumbrados entre titãs.

O que foi montado para legitimar uma nova ordem autocrática, sem EUA, sem governantes de viés liberal, centrada em Pequim e Moscou, foi confrontada por outra cúpula, em Paris, nos mesmos dias.

Nesta, os governantes da Europa, mais Japão, Austrália e Canadá, numa autodenominada “coalizão dos dispostos”, se reuniram para reforçar o apoio à Ucrânia e ampliar as sanções à Rússia. Foi contraponto à demonstração de força dos autocratas e um chamado à razão ao velho aliado EUA.

Comum às duas cúpulas foi a ausência de convites a Trump. Faria sentido em Pequim. Foi o ataque americano ao Japão na 2ª Guerra o que permitiu à China retomar a Manchúria ocupada de 1931 a 1945.

Em Paris, os líderes das democracias liberais mostraram unidade geopolítica a despeito dos EUA, mas reconhecendo que Washington é parte de uma segurança confiável, diz Fred Kempe, CEO do Atlantic Council. No palco dos titãs globais, o Brasil é espectador mirim.

Desaprender para sobreviver

Com 40 anos de política econômica que tirou o desenvolvimento do assento de motorista depois do colapso do investimento bancado a dívida externa e inflação entre os anos 1950 e 1980; a inércia de todos os governos, sem exceção, para deter a desindustrialização (enquanto crescia na Ásia); a instrumentalização dos programas sociais com fins eleitorais; a desorganização do Estado e a sua captura pela elite da burocracia e lobbies privados; o conflito raso, farsante até, entre os extremismos de direita e esquerda.

Tudo isso nos apequenou, e isso quando as conexões econômicas no mundo, subvertidas por Trump, condicionam as políticas domésticas.

É possível seguir assim até o ano que vem, mas depois não haverá tempo diante das sequelas das rupturas em curso: da tecnologia, em que se destaca a inteligência artificial, à divisão do mundo por esferas de influência, o sentido do hipercapitalismo dos magnatas que apoiam Trump. Os investidores já sofrem de “recessão mental” neste novo quadro e terão de desaprender para sobreviver, segundo apóstolos do mercado como o dinamarquês Niels Kaastrup-Larsen e o francês Louis-Vincent Gave. Estamos preparados? Nem um pouco.

Enquanto o populismo pedestre de um lado e a rebeldia infantil de outro dominarem os quadrantes políticos no país, não haverá espaço para a política se levar pela inteligência, que precisa de upgrade também entre os construtores de progresso. A carência é abissal.

Risco de sermos cavalgados

Não é contra Trump que se há de lutar nem se aninhar entre Xi e o séquito de autocratas que o seguem com pé atrás - até Putin. Mas a exibição do poderio chinês empolgou Celso Amorim, assessor externo de Lula - que o representou em Pequim, onde declarou ao Globo que o Brasil “está aberto à cooperação militar com a China”.

Os vizinhos da China, que temem o seu expansionismo explícito nas águas limítrofes e velado, na vastidão da Sibéria russa, são menos cheerleaders. “A tentativa da China de se mostrar como alternativa benigna a um EUA errático e tarifário esbarra na realidade de seu próprio comportamento coercitivo”, diz Daniel Williams, analista veterano da política asiática. A defesa do multilateralismo por Xi Jinping, por exemplo, surgiu quando Trump rompeu com essa criatura dos EUA do pós-guerra só por lhe servir agora. Antes, a China repelia.

Sem um governo vocacionado a perseguir a autonomia política e, em especial, econômica - o que passa por ampla reforma da governança do Estado e pela remoção do estorvo fiscal -, temos poucas chances de resistir ao risco de sermos cavalgados pelos titãs globais...

Num mundo multipolar de boca e bipolar na prática, inclusive numa ótica psicológica, muita sofisticação e pouca ortodoxia são itens de fundo para avaliar as candidaturas nas eleições de 2026.

É preciso gingado com Trump

E como lidar com o “fator Trump”? Entendê-lo como é de fato e quem há em sua retaguarda. Parte é show business, encenação.

“Parece que perdemos Índia e Rússia para a China mais profunda e sombria”, postou em sua rede social, ilustrada com a foto de Xi, Putin e Modi juntos em Xangai. “Que tenham um longo e próspero futuro juntos!”, arrematou. De Putin, esperava endosso ao plano de oferecer paz na Ucrânia em troca do afastamento da China. De Modi, que sustasse a compra de petróleo russo (o que a Índia faz a preço super descontado para refinar e revender). Contrariado por Modi, impôs tarifa de 50% à Índia, a mesma aplicada ao Brasil.

Pouco antes, em tempo real, pediu a Xi, em sua rede Truth Social, que mandasse seus “mais calorosos cumprimentos a Vladimir Putin e Kim Jong Un, enquanto conspiram contra os Estados Unidos da América”. Depois, argumentou no Salão Oval: “Eles esperavam que eu estivesse observando — e eu estava observando”. Esse é Trump.

Não se negocia com ele, isso se faz com seus companheiros diletos (parte dos quais está no governo). Se for bom para as partes, ele anuncia como mérito dele. Com ele é preciso gingado, fazer chegar, e há canais para isso a Lula e a Tarcísio, que os futriqueiros que estão em Washington não falam pelo establishment econômico.

Sem atritos internacionais, que alimentam patriotadas, a campanha eleitoral pode discutir o que importa a nós nestes tempos agitados e como podemos ser vanguarda de prosperidade neste processo.

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E O MERCADO DE TRABALHO

09.SET
a partir das 14h30

 Auditório do
Correio Braziliense
(SIG Qd. 2. Lt. 340)

A educação profissional tem se mostrado uma das principais portas de entrada para o mercado de trabalho. Para discutir o tema, o **Correio Braziliense**, em parceria com o **Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC-DF)**, reúne especialistas e autoridades para debater os caminhos para uma formação mais eficaz, ágil e conectada com a atualidade.



Inscrição agora e acompanhe presencialmente a discussão.

MEDIADORES



SAMANTA SALLUM
colunista no
Correio Braziliense



ADRIANA BERNARDES
coordenadora
de produção do
Correio Braziliense

CONVIDADOS



WELLINGTON DIAS
ministro de Estado
do Desenvolvimento e
Assistência Social, Família
e Combate à Fome



CELINA LEÃO
vice-governadora
do Distrito Federal



JOSÉ APARECIDO FREIRE
presidentado Sistema
Fecomércio-DF



VITOR CORRÊA
diretor regional do
SENAC-DF



HÉLVIA PARANAÇUÁ
secretária de Educação
do Distrito Federal



ANA PAULA SOARES MARRA
secretária de Estado
de Desenvolvimento
Social

 Realização: **CORREIO BRAZILIENSE** **CB Brands**

 Apoio: **Senac** **Fecomércio Sesc**